

Desejo e sensibilidade



Em A opinião de..., José Víctor Orón Semper ¹nos fala sobre termos e mentalidades:

Desejo e Sensibilidade

Original: educacion.press/2019/03/07/terminos-y-mentalidades-deseo-y-sensibilidad/

Desejos, do tipo que sejam, não nos faltam. Bem, salvo que nos assalte a acídia, o demônio do meio-dia que diziam os monges, o qual nos afunda em uma ausência de desejo e desperta certo tipo de tristeza. Com a acídia, se perde a capacidade de mobilizar-se, inclusive diante do bom e o atrativo. O desejo nos move e a acídia nos introduz em uma inapetência existencial. Salvo essa triste e entristecedora situação, como dizia, não nos faltam desejos e desejamos muito. Sobre o desejo, poderíamos perguntar muitas coisas: Existe algo que não possa ser desejável? Pode-se desejar o mal? O desejo é educável? E no caso de ser, é necessário educá-lo? O que seria educar o desejo?

¹ *Doutor em Educação (Universidade de Navarra). Mestre em Neurociência e Cognição (UNAV) e em Bioética (Fundação Jerónimo Legeume). Membro do Grupo Mente-Cérebro (UNAV). Licenciado em Estudos Eclesiásticos (Facultad de Teología San Vicente Ferrer). Engenheiro de Vias, Canais e Portos (Universidad Politécnica de Valencia). Professor do ensino fundamental e médio e sacerdote escolápio. Autor do Programa de Educação Emocional UpToYou.*

Aristóteles já disse que o virtuoso deseja o bom. Fazer o bem não é sinal de virtude, quando se desfruta de fazer o bem e, portanto, o deseja em si mesmo. O problema é que não existe forma de definir o bom para uma situação concreta. Alguém poderia pensar que chatear-se não é bom, porém não está tão claro, já que há momentos em que chatear-se é o bom. Foi também Aristóteles quem disse que a graça está em chatear-se no momento, da forma, com a pessoa, etc, adequada. Quando tudo já passou, podemos dizer o que era bom e o que não era. Analisar o passado é possível. Em muitas disciplinas se faz. Por exemplo, que fácil é ver como os economistas explicam o que passou quando já passou. Porém, isso não quer dizer que saibam prever. Se soubéssemos o que é o bom em cada situação, poderíamos prever o que vai acontecer atuando de uma determinada forma. Porém, ao nível concreto, e a vida sempre é concreta, não se sabe o que é o bom até que tenha feito. Estamos de acordo que existe o bom, porém, quando cada pessoa começa a explicar o que é o bom, já não fica tão claro. Se o bom existisse de uma forma clara e evidente, seria muito fácil tomar decisões. **Quando dizemos que existe o bom, creio que, em verdade, o que existe é o desejo de fazer o bem.**

Aparentemente, o desejo nos move para nos aproximar de algo ou alguém. Porém, é o desejo que nos move ou simplesmente o movimento é desejo? É dizer, me aproximo de algo porque o desejo ou o desejo é a ação de aproximar-se de algo? O desejo é uma função humana, como possa ser o ver, ou o desejo é uma descrição de uma forma de viver? As funções humanas podem educar-se e, por exemplo, pode-se ensinar a visualizar para fazê-lo de uma forma concreta. Estejamos atentos a que, quando dizemos que educamos o ver, em verdade não educamos o ver, senão o olhar. Ver é uma questão biológica, vemos como podemos não como queremos. De igual modo, ouvimos como podemos. Porém, olhar é outra coisa, pois, por exemplo, intervém a vontade. Assim, pois, não pode educar-se o ver, senão o olhar. O ver, mais que educar, é preciso desenvolvê-lo. Quando, ao nascer, se tapam os olhos de um animal e os deixam tapados durante anos, ao destapar-se, ele está cego e continua cego. Por isso, a visão também tem que desenvolver-se e, para isso, é preciso que a pessoa viva conforme a sua natureza. Porém, o olhar, ademais, pode educar-se. De forma similar, o escutar pode educar-se, mas o ouvir pode desenvolver-se ou atrofiar-se. Penso que o desejar se parece mais com o ver e menos com olhar e, nesse caso, **não caberia falar de educação do desejo, se não de desenvolvimento do desejo.**

Pode-se enxergar bem ou enxergar mal, porém sempre se vê bem (se o órgão foi desenvolvido). E o que acontece com o desejo? Pode-se desejar mal? Pode-se desejar o mal? Já que começamos com clássicos, sigamos com clássicos. Agora com Sócrates. Com ele aparece uma ideia que terá muito desenvolvimento na filosofia e é que, **estritamente falando, desejar; somente desejamos o bem, somente bem-desejamos**. Poderíamos dizer que, quando desejamos algo mau, em verdade desejamos o que de alguma forma vemos como bem nesse mal. Em verdade, o desejo mau não seria desejar algo mau, se não desejar um bem quando haveria que eleger outro bem. Neste sentido, se trata de uma competição de bens, que resolvemos de uma forma concreta, que nem sempre é a que nos faz bem. Por exemplo, quando desejamos nos vingar, desejamos algo bom, equivocadamente, que é querer livrar-nos de algo que nos fez dano. Porém, a pessoa não mal-deseja vingar-se, quando é bom desejar livrar-se do mal recebido. O problema não está em desejar vingar-se, senão em mal-compreender o que convém eliminar. Se alguém nos insulta, desejamos vingar-nos e isso está bem, porém a vingança não se satisfaz por eliminar o que insulta, senão por eliminar o efeito do insulto, restabelecendo a relação danificada.

Neste sentido, não se trata de educar o desejo em si, senão de aprender a olhar ou compreender a realidade que temos em frente e conhecer porque a vivemos como a vivemos. Poderíamos educar o desejo se pudéssemos decidir desejar ou não desejar, ou se o desejo fosse um ato de conhecimento voluntário. Porém, não decidimos desejar, senão que nos encontramos desejando o que desejamos. Pode-se educar o olhar, mas não o ver. Pode-se educar o escutar, mas não o ouvir. Neste caso, pode-se educar em conhecer a realidade apresentada e a realidade própria, para assim saber porque conheço como conheço e quero o que quero. O desejar é parecido ao ver e ao ouvir. O ver e ouvir não se educam, senão que se desenvolvem. Ou seja, se a uma pessoa lhe propõem experiências de visão adequadas, a sensibilidade para ver cresce. A capacidade para olhar com mais detalhe se reconhece com a palavra sensibilidade. Se propomos o ver ou ouvir em paralelo ao desejar, também caberia falar de um desenvolvimento do desejo, que se concretizaria em um desenvolvimento da sensibilidade, porém, já não é uma sensibilidade de um sentido exterior, como ver, senão uma sensibilidade de um sentido interior, de um ver interior, que me permite ver a realidade que me é apresentada, e ver-me a mim mesmo com total profundidade.

Ou seja, **o problema do que normalmente chamamos maus desejos não está propriamente no desejo, senão no conhecer, no querer e no ser**. Dito de outra

forma, o problema está na inteligência, na vontade e na pessoa. Conhecendo como se conhece, se deseja o que se deseja; querendo o que se quer, se deseja como se deseja; sendo como se é, se deseja o que se deseja. Por isso, é melhor centrar-se no conhecer, no querer e no ser, ou, dito de outra forma, na inteligência, na vontade e na pessoa. Por outro lado, não se trata de que tenho que pensar, querer e ser de uma forma concreta. Se o quiséssemos assim, estaríamos pensando que a pessoa não sabe nem pensar, nem querer, nem ser. **Não se trata de que tenha que pensar algo, querer algo ou ser alguém, e sim de ajudar-lhe a que pense, queira e seja.** Não se educa o olhar colocando em alguém umas viseiras de burro, nem se educa o escutar colocando-lhe uns *headphones* com os quais tem que ouvir. Nem se educa o ser dizendo a alguém o que tem que ser. Estes atos são atos manipulativos e despóticos. Se educa o olhar quando a pessoa descobre porque olha como olha. Se educa o escutar quando a pessoa descobre porque escuta como escuta. Se educa o ser quando a pessoa descobre porque é como é. **Quando conheço porque olho, escuto e sou como sou, descubro que, em verdade há outras formas de olhar, escutar e ser. E, diante da presença do rosto de outro, descubro que posso olhar, escutar e ser de outra forma para encontrar-me com ele.**

Vamos nos concentrar no desejar. Dizíamos que não cabe educar o ver, senão a sensibilidade para ver. De forma similar, dizíamos que **não cabe educar o desejar, mas sim a sensibilidade para desejar.** Primeiro, a pessoa precisa saber por que deseja como deseja. Desejar não é um capricho ou algo que alguém escolha. É ridículo ver uma bebida azul e auto-sugestionar-se, pensando: "vou gostar, vou gostar, vou gostar" e depois beber para que goste. Gostará ou não gostará, em função de muitas coisas, mas não por causa da auto-sugestão. Mais ainda, se chegasse a gostar por causa da auto-sugestão, seria pior, pois seria o mesmo que ir fechando-se em si mesmo e não se encontrando com a realidade (isso se chama loucura). Assim pois, o primeiro a fazer com os desejos é perguntar-se porque se deseja o que se deseja, e essa pergunta somente se responde através de outras perguntas: Como você entende o que está lhe acontecendo? Por que você quer o que quer? Por que você quer ser desta forma?

Estou seguro que somente essas perguntas bastam para dar-se conta **de que conhecer as fontes do desejo requer um grande e profundo autoconhecimento.** E, quando se tem percorrido este caminho, não somente sei porque desejo o que desejo, senão como vivo e me entendo. Neste caminho, o que fazemos a partir do desejo é muito similar ao que fazemos a partir do sentimento. Porque sinto o que

sinto e da forma como sinto? Não em vão, o sentimento também compartilha algo com o desejo, e é o que os sentimentos geram um tipo de tendência em função de como se interpreta o mesmo sentimento.

Porém, ainda falta algo muito importante, **a educação da sensibilidade**. Não se educa a sensibilidade dizendo com o que ou com quem se tem que ser sensível. A sensibilidade se educa a modo de ressonância. A presença do outro me faz descobrir quem sou. Quando um diapasão (instrumento para afinar o violão) soa em lá e se apoia no violão, unicamente vibra a corda afinada em “lá”. Quando a pessoa se encontra com outra pessoa, seu ser pessoal vibra. Quando vemos aos demais e os vemos como pessoas, isso acontece. Se ao outro o vejo como empregado, como meio para comprar algo, ou pior, como inimigo, meu ser pessoal está adormecido. Porém, quando vejo o outro como pessoa, meu ser pessoal ressoa. Educar na sensibilidade é permitir que a pessoa ressoe ao encontrar-se com outra pessoa.

Se o indicado é correto, o que teria que fazer, uma vez conhecido por que se deseja como se deseja, é educar a sensibilidade de uma forma muito simples, ajudando a ver que o outro é pessoa. **Educar a sensibilidade não é mais que ajudar a ver a pessoa que está em cada sujeito**. E, por um efeito de ressonância, me conhecerei como pessoa. Se vejo uma pessoa, sou sensível à realidade pessoal e desperta em mim um sentimento de comoção, pois me descubro nela e a contemplo singularmente como pessoa e ela apela a minha pessoa. O que você vai fazer agora que me viu? Educar a sensibilidade é educar a ver o caráter da pessoa na pessoa. **Quem vê o que vê e como vê, desejará o que deseja**.

Não nos faltam bons desejos. Desejamos coisas muito boas e o mau que desejamos, o desejamos porque nele vemos algo bom. A experiência me diz que, quando uma pessoa não tem necessidade de viver na defensiva, descobre que tem muitos, muitíssimos bons desejos. Porém, quando a pessoa se sente agredida e se põe a viver em modo de sobrevivência, o mundo de desejos se desordena.

Porém, não é que se tenha que ordenar os desejos desordenados. Infelizmente, são muitos os que entendem a pessoa como um "saco de desejos", que cada um opera de forma contrária ou diversa aos outros, e que é preciso pôr ordem nele. Pôr ordem o saco de desejos é perpetuar a pessoa em um estado já patológico, pois a pessoa vive como um saco de desejos, quando já foi ferida. Kohut, um psicanalista, dizia que a pessoa se vê como um saco de impulsos quando sua mãe lhe tratava como tal (o mesmo que seja complacente ou negando seus

comportamentos). Porém, se a mãe trata a criança como pessoa e não simplesmente se situa diante de comportamentos a satisfazer ou controlar, a criança acabará conhecendo-se como alguém (self) e não como um saco de impulsos. Por isso, querer ordenar impulsos ou ordenar desejos é perpetuar a pessoa em uma situação já patológica. Quando alguém se descobre com o que chamamos desejos desordenados, o caminho que necessita fazer começa por perguntar-se: Como vivo e como me entendo para viver como um saco de desejos? Quando nos vemos como saco de desejos, não nos vemos como pessoa. Porque não vejo que sou pessoa? E, como descobrir-me como pessoa? **Ninguém se descobre como pessoa enquanto não descobre que alguém lhe quer como pessoa.** A criança se descobre como pessoa por ressonância, quando a mãe a trata como pessoa. Ao descobrir-me como pessoa, descubro que eu sou mais que meus desejos e, portanto, não se trata de ordenar os desejos, mas de viver como pessoa em relação com as outras pessoas. Neste momento, os desejos começam a operar, não destrutivamente, em oposição, senão como ponto inicial para o encontro interpessoal.

A educação emocional de UpToYou tem muito a ver com o indicado. A partir da realidade emocional, a pessoa se pergunta: Por que sinto como sinto? E começa um caminho que leva a conhecer a complexidade de sua vida e como qualquer emoção, até a que nos possa parecer mais elemental e biológica, em verdade, é expressão de como a vida de alguém se condensa ou cristaliza de uma forma concreta. Quando a pessoa descobre que já não é um saco de emoções que emergem como setas esporádicas, senão que as emoções falam de nossa vida mais pessoal, então começa a conhecer a complexidade de sua própria vida. O conhecimento de tal complexidade é o melhor lugar para ver-nos como pessoa, pois, sem nosso caráter de pessoa, não se explicaria tal complexidade. Desta forma, a pessoa se faz sensível à própria complexidade. Aprendendo a olhar, a pessoa se faz sensível. Sensível a si mesmo e sensível ao outro. Esta é a educação na sensibilidade que propomos. O sensível deseja o que lhe faz crescer, e aos demais. **Se você vê o outro como pessoa e vê a si mesmo como pessoa, desejará uma relação de pessoa a pessoa.** Se você se vê como um ferido e o outro como o agressor, desejará uma relação agressor-ferido. Expliquei isso com o vocabulário "ver", para simplificar, porém, não se trata simplesmente de um ato cognitivo, senão também de querer-se e querer como pessoa.

Quando seu filho está obcecado por algo, desejando de uma forma que costumamos chamar equivocada, não corrija o desejo, pois não mal-deseja. Em



lugar disso: ajude-o a saber por que deseja isso e da forma como o deseja; ajude-o a ver com a complexidade das coisas; ajude-o a ver a pessoa. Com isto crescerá em sensibilidade, se comoverá ao ver o outro e desejará em função de tal comoção.